

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 3200 .. Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12200 .. Numero avulso..... 3000 ..	N.ºs 36 E 37	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assinatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

VISITAS Á EXPOSIÇÃO

I

Vimos já tarde para lhes fallar d'esta sympathica e civilisadora festa do trabalho portuguez, e outros serão por isso os nossos desgnios, limitando-nos a deixar aqui registadas algumas impressões de passagem acerca das diversas secções do mostruario da Avenida.

Antes, porém, de o fazermos, fixaremos certos pontos que temos a peito não deixar no escuro, e colheremos uma ou outra nota fugidia das cousas que mais lá nos commoveram ou captivaram.

Assim, foi com um sentimento quasi religioso que contemplámos os dois modestos mealheiros que n'uma das portas da exposição recolhem obulos para esse tão sympathico e tão benemerito Albergue dos invalidos do trabalho, e a quem quer que leia estas linnhas e que for visitar ás galerias da Avenida os artigos de producção nacional, recommendámos que não esqueça os pobres velhinhos que a beneficencia particular ali ampara nos seus ultimos dias de decanso forçado.

Uma pequena parcella não custará a grande numero dos visitantes, e mil pequenas parcellas formarão um todo importante.

Igualmente nos deixou no espirito uma impressão ao mesmo tempo consoladora e triste o ver trabalhar essa pequenina rendeira, graciosa e gentil, que com os seus olhinhos de rata e a sua cabecita de passaro parecia, quando nos fitava, querer dizer-nos estranhas e mysteriosas cousas que não encontram expressão no teclado humano.

Individualmente não supponmos lamentavel a sorte d'essa creanca, pois que, estando, segundo se nos afigura, entregue hoje aos cuidados de uma exemplar senhora, que na sua alma vibratil e generosa de artista que é, deve abrigar, juntamente com os thesouros da bondade feminina, toda maternal e carinhosa, os que a concepção e a pratica das bellas cousas do espirito lá faz nascer, terá para com a sua pobre discipula a indulgencia, a protecção e o carinho de que precisa na vida todo o ser indefeso: — mas a sua presença ali foi suggestiva e ensinadora.

Fez-nos passar pelo espirito a visão sinistra e macabra de milhares de pobres creanças inermes, doentes, rachiticas, que n'esse mister, na apparencia tão delicado e tão fino, caíram mortas antes de haverem vivido, victimas da inclemencia do trabalho e do egoismo dos homens.

E amplifiando o quadro, e prolongando o olhar até essas gehenas sem nome, onde agonisam milhões de desgraçados, que segundo a especie e perante a lei são nossos irmãos, mas que em presença da realidade brutal e implacavel são apenas uns seres de fórma humana, e em vez de nossos irmãos, ou de nossos iguaes, apenas as nossas victimas e os nossos escravos, vimos através d'essa creanca, todas aquellas que, mais infelizes do que ella, são em cada dia rudemente esmagadas na engrenagem insensivel que vae constantemente fazendo mover a complicada e mysteriosa machina humana, e que no banquete da existencia não acharam lugar á mesa, contentando-se, ou tendo de contentar-se com os restos que se lembrem de atirar-lhes os convivas felizes e satisfeitos...

Eis o que essa creanca nos evocou ao espirito, o qual agora nos pergunta em voz muito baixa, como quem reciea parecer ingenuo ou utopista, o que será feito de uma certa lei de trabalho dos menores, que em tempos dizem ter apparecido na camara, mas que se escondeu... não se sabe onde...

Felizmente, para socego do figado e equilibrio da bilis, logo a seguir os graciosos e simples specimens da escola Fröbel vieram oxygenar-nos a consciencia e limpificar-nos o cerebro, destruindo-nos as preoccupações azedas e sombrias de um pessimismo caturra e mal educado, e nós esquecemos a face negra da medalha. Que diabo! não somos perfeitos e não podemos endireitar o mundo, que já encontramos torto quando para elle nos mandaram...

Reatando.

Folgámos tanto mais em ver expostos esses productos infantis, quanto aqui haviamos lembrado a conveniencia de reservar um lugar para elles.

É claro que não fomos descobrir primores executados por mãositas de cinco e de seis annos, mas admirámos e reconhecemos uma grande, uma eloquente verdade de moral pedagogica — a conveniencia e a superioridade da educação harmonica, em que o espirito, tanto como o corpo, são cumula-

tivamente *trainados* e dirigidos, e compreendemos o alcance educativo e contagioso que tem o trabalho sobre cerebros pequeninos em via de formação.

Muito gostaríamos que um ou outro dos nossos professores e homens de sciencia aproveitassem o ensino para em presença de alguns d'estes exemplares realisarem preleções e catecheses de caracter ensinador e pratico; mas visto que é escusado e ocioso pensar n'isso, que ao menos as mães e os paes levem os seus filhos á presença da montra em que se acham acondicionados os artigos em questão, e se não souberem dizer-lhes mais nada, que ao menos procurem demonstrar-lhes isto: que todas essas cousas que ali vêem são produzidas pelo trabalho de meia duzia de seus iguaes, tendo cinco ou seis annos, e trabalhando já na medida das suas forças e da sua sciencia.

Creiam, os que fizerem isso, que terão conseguido mais e melhor em proveito da educação futura e da elaboração lenta do caracter dos continuadores do seu nome e do seu exemplo, do que quantas historias moraes se lembrem de condimentar-lhes em casa, lardeadas de mais ou menos erudição e de maior ou menor numero de maximas — para uso da infancia.

Tambem quizeramos referir-nos a varias outras notas dispersas que agradavelmente nos surpreenderam na exposição, como o facto do fabricante de sedas Ramires inscrever o nome do respectivo operario em cada um dos córtes expostos, — como quem perfeitamente comprehende o papel que esse elemento desempenha na urdidura social, mas hoje não nos sentimos com disposição de passar alem d'estas generalidades.

Para concluir, o que nenhuma duvida temos desde já em affirmar é que o conjunto geral da exposição nos pareceu deveras progressivo e revelador, convindo sómente não esquecer que estamos longe da perfeição, e que não podemos nem devemos esquecer o muito que precisámos andar para que se testifique no futuro o que já conseguimos caminhar até este anno da graça de 1888.

AFONSO VARGAS.

UM ARTIGO DE EÇA DE QUEIROZ

Figura hoje na nossa revista um nome glorioso, não só na litteratura portugueza, mas em toda a litteratura contemporanea, e figura assignando um trecho duplamente interessante pelos primores de um estylo incomparavel, feito de finura, de ironia, de distincção e de bom senso, um estylo de humorista delicoso e de observador penetrantissimo, — e pelo assumpto que é tão novo, tão palpitante, tão moderno ainda agora, como quando o eminente auctor dos *Maias* o escrevia.

Pedindo licença para aqui o reproduzir, nós quizermos dar aos nossos leitores alguns minutos de um requintado prazer intellectual, e estamos certos que estes nol-o saberão agradecer, e que, lendo essa bella e elegantissima prosa, saberão ser tolerantes para com a nossa... esquecendo-a.

A. V.

A IRLANDA E A LIGA AGRARIA

É necessario fallar da Irlanda, fallar da *Liga agraria*, fallar de Parnell...

Ha seis mezes que este homem, essa associação, essa ilha inquieta são o cuidado supremo, a preocupação pungente de Inglaterra e de tudo o que em Inglaterra pensa, desde os homens de estado até aos caricaturistas. E dentro em breve o sentimento europeu, o sentimento universal va-se exaltar pela *questão da Irlanda*, como outr'ora pela *questão da Polonia*.

A questão da Polonia! Oh saudosos dias passados, foi esse um dos meus primeiros enthusiasmos! N'esse tempo ser polaco era synonymo de ser heroe; e a fórma mais usual da paixão, n'uma alma de vinte annos, não consistia no desejo de subir ao balcão de Julieta, mas de partir e ir tomar as armas pela Polonia. Em Coimbra, sempre que nos reuniamos mais de quatro amigos, faziamos logo esse projecto, gritando: — *Viva a Polonia!* Os jornaes transbordavam de poemas á Polonia e de injurias ao urso do norte! Empenhavam-se batinas e compendios para socorrer a Polonia, em subscrições patrioticas. Em beneficio da Polonia eu representei muito melodrama, em que — ora, virgem trahida e vestida de branco, soluçava com as minhas tranças soltas — ora, traidor, saltando gargalhadas cynicas, cravava um ferro no peito de conde!

Por fim não eramos mais insensatos que o povo de Paris em 1848, marchando em procissão a reclamar do governo provisório a libertação da Polonia. «Mas é uma guerra com a Russia, é um conflicto europeu!» diziam os prudentes. E os enthusiasistas respondiam: «Não tem duvida; a Franca é o Messias, é a salvadora dos opprimidos; a Franca é o Christo das nações; sendo necessario deve morrer por ellas».

Mas desde 1848 muita agua tem passado sob as pontes, como dizem em Paris; e mesmo muito sangue.

Por estes tempos de *opportunismo* e de *naturalismo*, a pobre Irlanda não inspirará jamais o culto piedoso que demos outr'ora á Polonia.

De resto a Polonia e a Irlanda constituem dois casos diferentes. É certo, porém, que vistos de longe, através da nevoa lacrimosa da sentimentalidade, offerecem similitudes. A Irlanda pôde talvez considerar-se uma Polonia constitucional: ha aqui como na Polonia uma raça opprimida, cujo solo foi dividido entre os grandes vassallos, as familias historicas da nação conquistadora, e que desde então tem permanecido em servidão agraria. Sómente na Irlanda o arbitrario e os abusos que esta situação origina são recobertos pelo regimen parlamentar de um bello verniz de legalidade; e a Irlanda soffre as misérias de um paiz vencido e explorado — mas dentro das fórmas constitucionaes.

O irlandez parece-se com o polaco em certos pontos: são ambos arrebatados, imprudentes, espiroituosos, generosos e poetas. Como o polaco o irlandez catholico odeia o conquistador, sobretudo por elle ser heretico de nacionalidade, misturando-lhe o conflicto de religião. Como na Polonia ha na Irlanda

a legenda patriótica da independência, das revoltas sufocadas, dos agitadores heroicos, legenda que falla á imaginação popular tanto como a mesma religião, inspirando iguaes fanatismos, de tal sorte que o irlandez é tão devoto dos seus santos como dos seus patriotas, e como o polaco despreza o russo, assim o irlandez olha o anglo-saxónio — como um barbaro e um estúpido; e tem por elle toda a antipathia desdenhosa que uma raça de improvisadores pôde ter por uma raça de criticos e de analysts. Na ordem social, como na ordem domestica, ha entre a Polonia e a Irlanda outras curiosas afinidades. A ultima tactica da Irlanda mesmo é imitada da Polonia; a Irlanda vac appellar para a Europa, e é Victor Hugo que fallará em nome d'ella n'um manifesto com o titulo de *Oppressor e opprimido*.

Mas a Inglaterra realmente não se parece com a Russia, nem mesmo através da nevoa da sensibilidade, através da paixão pela causa da Irlanda, o mais esclarecido dos liberalismos pôde ser confundido com o mais boçal dos despotismos. E todavia... E todavia para não perturbar os interesses tyrannicos de um milhar de ricos proprietarios, deixa na miseria quatro milhões de homens. Tem todo o territorio irlandez occupado militarmente. Apenas um patriota começa a ter influencia na Irlanda, prende o patriota. Quando a eloquencia dos deputados irlandezes se torna inquietadora, abafa-a, quebrando sem escrupulo uma tradição parlamentar de seculos. Vae governar a Irlanda pela *lei marcial*, como qualquer czar. E, para suspender os planos da *Liga agraria*, viola o segredo das cartas.

* *

Esta questão da Irlanda apresenta-se tão complexa, tão confusa como o proprio cahos antes da grande façanha de Jehovah. Na Irlanda começa por haver tres nações distinctas com interesses contradictorios: os irlandezes catholicos, os irlandezes protestantes ou *orangistas*, os inglezes e proprietarios escossezes. A questão de propriedade é sem duvida a essencial, mas existem outras, a questão religiosa, a questão policial, a questão judicial, a questão municipal, etc., etc. E sobre cada uma d'estas questões é difficil achar dois irlandezes de accordo. Cada aldeia se torna assim um campo de batalha; e, como são eloquentes e sarcasticos, o grande fluxo labial, a paixão do epigramma amplificam e azedam as dissensões.

Mesmo dentro da igreja catholica, que deveria conservar a tradição da unidade — tumultua a discordia; o clero parochial está em lucta com os dignitarios episcopaes, e é raro que o clero de um condado não divirja de sentimentos e de predica com o clero do condado vizinho. No mundo dos patriotas revolucionarios não existe uma harmonia melhor: a *Liga agraria* não acceita os *Fenians*, e os *Fenians* abominam as tendencias parlamentares dos *Home-rulers*, e dentro mesmo do partido dos *Home-rulers* ha democratas e conservadores. É um rumoroso conflicto por toda a pobre Irlanda.

Os irlandezes dizem, porém, que se lhes fosse dada a autonomia, horas depois de declarada a republica irlandeza todas estas questões se resolve-

riam de per si, e o paiz seria como um mar que amansa e fica em equilibrio.

Até agora, porém, essa falta de unidade é adduzida justamente como evidencia dos perigos que teria essa autonomia.

Os inglezes pensam sinceramente que no momento em que a Irlanda saísse de sob a tutela do bom senso e do saber inglez, no instante que essa raça impressionavel, excitada, fanatica e pouco culta fosse abandonada a si mesma, começaria uma guerra civil, uma guerra religiosa, diferentes guerras agrarias, que bem depressa fariam da Verde Erin um montão de ruinas n'uma poça de sangue.

Se os irlandezes se não entendem bem sobre os *males da Irlanda*, os inglezes comprehendem-se menos acerca dos *remedios para a Irlanda*. E a compressão em que se está provém principalmente da abundancia da discussão. Não ha villota, ou mesmo aldeia de Inglaterra que não tenha um jornal do tamanho da *Gazeta de Noticias*, com oito paginas e typo cerrado. E de alto a baixo esta vastidão de papel, desde que começou a agitação da Liga agraria, é occupada por estudos e artigos sobre a Irlanda. Multiplique-se isto pelas tres ou quatro mil gazetas que a pobre Inglaterra nutre sobre a sua epiderme; juntem-se-lhe os artigos dos semanarios, dos quinzenarios, das revistas e dos magazines, os pamphletos, as brochuras, os ensaios innumeraveis como as estrellas do céu, os livros e tratados de toda a sorte, os discursos do parlamento, as arengas dos *meetings*, as conferencias, os sermões, as controversias publicas, as lições, emfim, toda essa colossal litteratura que n'estes ultimos mezes tem tomado por assumpto a Irlanda.

E digam-me se com todo este mundo de informação, de discussão, de theorias, de projectos, de systemas, de opiniões, de imaginações — não é natural que o cerebro da Inglaterra esteja n'esta questão da Irlanda perfeitamente desorganizado. O meu está. Mas n'este cahos mental tenho illustres companheiros; o grande Carlyle costumava dizer que a sinceridade e a elevação de alguns patriotas irlandezes era a *unica cousa nitida e clara* que elle conseguia distinguir no escuro tumulto da confusão irlandeza...

Ha tambem outra cousa que se percebe bem: é que a população trabalhadora da Irlanda morre de fome, e que a classe proprietaria, os *land-lords*, indignam-se e reclamam o auxilio da policia ingleza quando os trabalhadores manifestam esta pretensão absurda e revolucionaria — comer!

Aqui está, por exemplo, sua graça o duque de Leinster, para não citar outros de nomes menos sonoros: os seus rendimentos na Irlanda sobem a *quatrocentos contos de réis*, e o infeliz tem ainda uns duzentos contos mais das suas propriedades na Inglaterra! Este fidalgo, escuso talvez dizel-o, não soffre frio e não passa fome; por outro lado a população de rendeires que trabalham as suas terras, e que com o seu suor e o seu esforço lhe arrancam do solo este rendimento, — a unica cousa que realmente têm é fome e frio. Mas este anno tiveram mais fome e mais frio que de costume, e lá foram em farrapos, e com os pés nus sobre a neve, supplicar a sua graça o duque de Leinster, que lhes fizesse n'este

anno uma diminuição de 10 por cento nas rendas exageradas, absurdas e devoradoras. Sua graça respondeu (pela bôca dos seus administradores, naturalmente: por sua propria bôca, um duque inglez nunca falla senão com outro duque) que as suas circumstancias não lhe permittem essa liberdade — e que a repetição de uma tal supplica não podia ser tolerada.

E portanto, os rendeiros de sua graça lá voltaram de cabeça baixa para o frio e para a fome.

Direi de passagem que se o pedido, em lugar de ser feito pelos seus rendeiros da Irlanda, partisse dos seus rendeiros da Inglaterra, sua graça apressar-se-ia a satisfazer-o rasgadamente. E porque a Irlanda é um paiz conquistado, e, quando o proletario se queixa, o policia fila-o pela gola; mas em Inglaterra, quando o operario inglez ergue a sua voz de leão, a policia fica immovel, os duques empallidecem, e o edificio monarchico e feudal treme nas suas bases.

Mas a proposito de sua graça o duque Leinster (gosemos o mais tempo possivel esta illustre companhia; *quand on prend du Duc on n'en saurait trop prendre*) deixem-me dizer-lhes em resumo quaes são as relações agrarias entre um proprietario, e um *land-lord* e os seus rendeiros.

*
*
*

O solo, é claro, pertence ao lord. Por que titulo não sei; talvez uma das suas avós, n'uma noite que estava mais decotada, attraheu o inconstante olhar do amavel Carlos II, nos saraus galantes da restauração; d'esse olhar provém talvez esta bella propriedade. O alegre Stuart era tão generoso! Tinha-se vivido tão pobremente, tão tristemente sob a dictadura puritana do Cromwell!... Depois se Carlos II tinha pouco dinheiro (o desgraçado recebia uma mezada do rei de França!) não lhe faltavam terras na Irlanda. Tres leguas de pastos, ou de terreno aravel, por um beijo e os seus accessorios, não é caro para um Stuart. E para uma fraca dama ou para seu esposo um famoso negocio. Note-se por Deus, note-se que eu estou fazendo estas supposições sobre um typo de lord abstracto.

Nem toda a minha sympathia pelos trabalhadores irlandezes me levaria a suspeitar as purissimas senhoras da casa de Leinster...

Como proprietario do solo, pois, o lord arrenda-o ás familias que de geração em geração vivem nas suas terras; o irlandez prende-se ao sólo como uma arvore pelas raizes, e muitas vezes prefere morrer a abandonar um torrão arido que o não nutre. A emigração irlandeza para a America são principalmente da população operaria das cidades. Ora, nos contratos de renda, o homem de trabalho está absolutamente á mercê do senhor da propriedade.

O valor das rendas é puramente arbitrario. Não ha typo de renda, baseado sobre a avaliação das terras; existe o que se chama a *avaliação de Grif-fith*, feita ha mais de trinta annos por o agronomo d'esse nome; mas esta avaliação, equitativa e favoravel ao trabalhador, não é jamais acceita pelos proprietarios. N'isto está a origem de todas as misérias da Irlanda; as rendas, absurdamente eleva-

das, absorvem todo o producto da terra, e o rendeiro escassamente pôde viver, muito menos economisar.

Alem do solo o proprietario deve fornecer a habitação e os instrumentos de trabalho: se na fazenda não existe casa, ou se ella necessita reparações, o *land-lord* dará naturalmente alguma madeira, uma mão cheia de pregos, um mólo de colmo, para que o trabalhador erga a cabana miseravel, muito inferior, como conforto, aos curraes dos nossos gados; e a esta generosidade regia, o *land-lord* juntará talvez um velho arado e um ferro de enxada. Mas estes dons são adiantamentos que elle sobrecarrega com preços duplos ou triplos do seu valor, e de que se faz embolsar por prestações trimestraes.

Não é possivel ser mais grandioso ou mais nobre. Aqui está, pois, o rendeiro de posse de um tecto, de um terreno e de ferramenta. Parece que só lhe resta começar a cultivar.

Assim seria, se não fosse na Irlanda. Mas a natureza, mãe fecunda e amante, comporta-se aqui ainda peor que os lords; se a natureza tivesse assento na camara dos pares de Inglaterra não seria mais aspera, mais hostil ao pobre e mais avara de si mesma. A natureza quando se não apresenta ao trabalhador irlandez sob o aspecto de solo pedregoso, mostra-se sob o aspecto de pantano.

Offerece-lhe de um lado um penedo, do outro um charco.

E diz-lhe com a sua ternura de mãe:

— Escolhe. De qual preferes tirar tu os meios de subsistencia?

O pobre irlandez o que preferiria era ir-se embora; mas como por toda a parte encontraria um proprietario igual, os mesmos pedregulhos e identicos lamações — fica. E é então que se apresenta de novo a generosidade do lord. Sua graça está prompta (porque sua graça é compassiva) a escoar o pantano, a desempedrar o solo, a fazer melhoramentos na terra. Sua graça vae mesmo mais longe; sua graça (Deus o recompense) offerece a semente. E mais ainda: sua graça (que as benções do céu o vistam!) dá os adubos.

E aqui está um rendeiro feliz, que tem a casa, os instrumentos, a semente, os adubos... Sómente sua graça marca os preços que lhe convem aos melhoramentos feitos, á semente e aos adubos, e no fim do anno a renda, que era originariamente de dez está em vinte e cinco! Como os terrenos são pobres, os invernos abominaveis, o pobre rendeiro não pôde pagar; dirige-se então ao agiota, ou ao lord mesmo. E desde esse momento está n'uma rede de dividas, letras, colheitas empenhadas, juros accumulados, protestos, o demonio, de que jamais se poderá desennadar. O resultado é previsto: o lord (pelo seu agente,) penhora-o, apossa-se do grão que está nos celleiros, do gado que está nos curraes, do pequeno bragal que está na arca, das arrecadas da mulher, das enxergas — e expulsa-o da casa, e da propriedade, — da casa que elle talvez construiu, da propriedade que elle com o seu trabalho melhorou! Tal qual como na meia idade.

Estas expulsões, que se chamam *evictions*, são o terror irlandez. Que ha de fazer um miseravel com mulher, creanças, ás vezes uma avó entrevada, — que se vê de uma hora para a outra no meio de

uma estrada, por um terrível inverno, sem um farrapo para se cobrir, sem uma codea de pão, sem casa, sem destino e sem esperança? E note-se que isto passa-se em regiões como as da Irlanda, pouco habitadas, com um casal de legua em legua.

Esta falta de vizinhos torna estas expulsões mais terríveis. Quantas milhas a caminhar sob a chuva ou sob a neve, com as crenças chorando de fome, os doentes levados n'uma padiola, até que se encontre algum rendeiro mais feliz que ainda tem um canto de cabana onde asyle a familia errante! Mas por pouco tempo, porque todos são pobres, todos estão endividados, todos ameaçados da expulsão...

E durante esse tempo sua graça banqueteia-se, bebe *Chateau Margaux* de 60000 réis a garrafa, caça, etc., e aluga a fazenda, d'onde expulsou o miseravel n.º 1, ao rendeiro n.º 2. Sómente o n.º 2, como a encontra melhorada pelo antecessor, paga-a mais cara, e depois de explorado, sugado, espremido, durante dois ou tres annos, é expulso para dar lugar ao n.º 3. Este infeliz passa pelo mesmo processo de trituração, *et sic per omnia*...

E as expulsões são inevitáveis porque com a altura absurda das rendas é impossível que o rendeiro as possa pagar e viver.

*
*

Isto como comprehendem, é apenas um vago contorno da realidade, apontada nas suas feições essenciaes.

Descendo-se a detalhes, vê-se então uma horrosa treva de injustiça e miseria.

Mas como podem taes cousas passar-se no seculo XIX, e ao lado do povo inglez?

Como permite uma nação tão justa a existencia de tanto opprobrio? dir me-hão.

Justamente essa pergunta a fazia Victor Hugo ha dias a Parnell, o chefe da *Liga agraria*, na sua celebre entrevista. E eu responderei com as palavras de Parnell:

Taes cousas passam-se no seculo XIX. E o povo inglez não as sabia, ou pelo menos eram-lhe contadas de tal modo, que em lugar de piedade só sentia colera.

E isto é exacto. Os males da Irlanda eram conhecidos pela voz de seus agitadores. Mas estes homens desde O'Connell commetteram sempre o erro de misturar as queixas de um proletariado opprimido ás aspirações de independencia nacional; de sorte que a Inglaterra não attendia á reclamação dos trabalhadores pela irritação que lhe causavam as exigencias dos patriotas. O povo inglez não pôde ouvir fallar em que a Irlanda se separe, e se constitua em republica; mas está prompto em ordenar que se lhe dê um justo regimen de propriedade.

O erro dos *Fenians* foi confundir a questão nacional com a questão agraria; o rendeiro miseravel apparecia então aos inglezes com o aspecto de um rebelde, a união; e envolvendo-os ambos no mesmo odio, porque lhes suppunha identicas ambições, suffocou sem discernimento a voz que só pedia pão, e a voz que reclamava autonomia.

E, todavia, o povo inglez sentiu sempre instinctivamente que a Irlanda soffria.

Muitas vezes pediu para ella reformas das leis agrarias.

Era, porém, um pedir vago, sem cohesão; mas mais abundante de sensibilidades feridas, do que a intimação da vontade nacional.

De sorte que os parlamentos saídos da classe que tem interesse em manter a Irlanda em miseria, contentavam-se em fazer reformas detalhes, reformas insignificantes e imperceptiveis, para dar uma satisfação á compaixão ingleza, e o regimen antigo ficava inatacado como de antes. Mas isto bastava para que alguns humanitarios dissessem com um suspiro de alivio: «Emfim, lá se fez alguma cousa pela Irlanda!» de facto não se tinha feito nada.

Era, pois, necessario que a questão de propriedade fosse separada da questão de independencia; que se fizesse um movimento legal dentro da constituição, com o fim exclusivo de terminar os abusos dos *land-lords*, calando toda a idéa de arrancar a Irlanda ao reino unido. Então haveria a certeza que o povo inglez, vendo a questão agraria e os seus horrores, isoladamente, no seu relevo proprio, desembaraçada das declamações rebeldes e das agitações separatistas, determinasse dar a tantos males, e tão antigos, um remedio radical. Foi isto que tentou a *Liga agraria*.

EGEA DE QUEIROZ.

Não ha existencia alguma
Que não tenha amor; nenhuma
Porque o amor é em summa
Essencia de todo o ser:
Ha sempre quem nos attraia.
Mil vezes que a onda citha
Ha uma rocha, uma praia
Aonde a onda vai bater...

JOÃO DE DEUS.

LAURENS JANSZON COSTER

E A ORIGEM DA TYPOGRAPHIA

IV

O mais importante monumento typographico que se nos depara, e que tem servido de thema a porfiada polemica entre os que se têm proposto a investigar as origens da typographia, é incontestavelmente o livro intitulado *Speculum Humanæ Salvationis*¹. Nenhum livro com effeito representa melhor o periodo de transição entre os dois systemas de imprimir, pela circumstancia notavel de reunirem si as primeiras tentativas da nova arte typographica e o derradeiro e supremo esforço da velha xylographia.

Pouco ou nada se sabe acerca do auctor d'este livro, e o seu nome parece estar condemnado a ficar para sempre envolto na mais completa obscuridade. Alguns bibliographos têm indigitado este ou aquelle escriptor, mas como simples conjectura, e portanto sem caracter algum de authenticidade².

¹ Esta obra, a que Brunet chama *Poème ascétique en vers rimés, d'une latinité barbare, sur des sujets bibliques*, contém 63 paginas, das quaes 20 são inteiramente xylographicas.

² Um bibliographo muito distincto, John Inglis, indicou como auctor do *Speculum* Conradus de Alzeia, que viveu ali pelo anno de 1370; mas a veracidade de tal indicação é mais que duvidosa.

O primeiro escriptor que se referiu ao *Speculum Humanæ Salvationis* foi Adrien de Jonghe, medico celebre, que nasceu em Hoonr no 1.º de julho de 1511. Segundo o uso da epocha, ainda hoje adoptado entre uma certa classe de sabios na Hollanda, Jonghe tinha latinisado o nome, transformando-o em *Junius*, sob o qual se tornou universalmente conhecido. No mez de fevereiro de 1566, Junius foi nomeado chronista da Hollanda, e encarregado de escrever a historia d'este paiz. Pondo immediatamente mãos á obra, começou o famoso livro intitulado *Batavia*, cujos manuscriptos authenticos se conservam ainda, um na bibliotheca de Haya, e outro na collecção de mr. Enschedé, ambos com a data de 1570. As guerras, porém, que n'este anno e nos quatro seguintes assolaram a Hollanda, não permitiram que por então se imprimisse esse livro. Haerlem, onde o auctor habitava, tendo sido sitiada pelos hespanhoes, e obrigada a render-se, como n'outra parte dissemos, foi posta a saque, não escapando á sanha feroz da barbara soldadesca a rica bibliotheca de Junius, que foi em grande parte destruida, e dispersos ou aniquilados alguns trabalhos historicos e litterarios que elle havia encetado, salvando-se milagrosamente os preciosos manuscriptos, já promptos a entrar no prelo, da grande obra a que dedicára todos os esforços da sua actividade intellectual.

Foragido, sem casa e quasi reduzido á indigencia, dirigiu-se para Middelburgo, onde o havia chamado Guilherme I, de quem era medico, e ahi assentou a sua residencia. Mas a sua estada n'essa região insalubre foi lhe fatal, porque, tendo-se-lhe aggravado antigos padecimentos, falleceu a 16 de junho de 1575, com sessenta e quatro annos de idade.

Não sabemos explicar a razão por que o livro só se imprimiu treze annos depois da morte do seu auctor; o que é, todavia, certo é que o *Batavia* só foi impresso em 1588, em Leyde, por F. Rapheleng, apesar de concluido dezoito annos antes, tendo sido muito provavelmente escripto na sua maior parte no decurso do anno de 1568 e terminado em 1569.

É pois n'esse livro que se encontra a primeira referencia ao *Speculum Humanæ Salvationis*¹, e em que se relata que foi impresso em Haerlem, sendo seu impressor Laurens Coster, isto é, DEZESETE annos antes da publicação do primeiro livro saído dos prelos de Mogúncia.

PEDRO FREITAS.

A AGUA

II

Carré, fundando-se n'esta experiencia, construiu machinas que em quatro minutos gelam a agua de 30º.

O phenomeno *regêlo* descoberto por Faraday em 1850 consiste na congelação da agua que molha dois

pedaços de gêlo fundente levados ao contacto, resultando soldarem-se esses fragmentos; verifica-se até estando a agua quente a ponto de não se lhe poder metter a mão. Os phenomenos da *moldagem do gêlo* imaginados por Pyndall, o movimento das galerias e a facilidade com que ellas se amoldam aos valles explicam-se pelo regêlo.

Quando o gêlo passa ao estado liquido observa-se que a temperatura é constante, emquanto dura a fusão, e por esta razão se escolheu a *temperatura do gêlo fundente* para marcar o zero ou ponto de partida inferior da escala na gradação dos thermotros. Mas a temperatura da congelação da agua não é absolutamente a da fusão do gêlo, porque casos ha em que não congela, baixando a sua temperatura a 12º; bastará todavia a menor agitação para lhe determinar a congelação instantanea, passando a ser 0º a temperatura geral de toda a massa.

A agua privada de ar só ferve n'uma temperatura muito superior a 100º. Quaesquer que sejam os vasos e as substancias dissolvidas é sempre de 100º a temperatura do vapor da agua na pressão de 0^m.760, e é por este motivo que os thermometros são mergulhados no vapor da agua quando se quer marcar o ponto 100 e não na agua a ferver.

O calor da fusão da agua, isto é, a quantidade de calor que se transforma em trabalho para produzir a sua fusão é de 79 calorias, o que se demonstra da seguinte fórma: misturando 1 kilo de agua a 79º com um kilo de agua a zero, obtem-se, como era de esperar, 2 kilos de agua a 39^m.5, mas se em vez de agua a zero se empregar 1 kilo de gêlo n'esta temperatura obtem-se 2 kilos de agua a zero; portanto o calor que a agua absorve para passar de 0 a 79 é o preciso para fundir 1 kilo de gêlo sem lhe mudar a temperatura.

A agua chimicamente conhecida por protoxydo de hydrogenio é composta de 2 volumes de hydrogenio e de 1 de oxygenio, ou em peso, de 11,11 de hydrogenio e de 88,89 de oxygenio.

A sua analyse pôde fazer-se ou pela pilha ou pelo ferro.

O apparelho de que se faz uso para a decomposição da agua denomina-se *voltmetro*, e consta de um vaso de vidro, cujo fundo revestido de uma substancia isoladora, é atravessado por duas hastes de platina, separadas e terminando exterior e inferiormente por ganchos a que se prendem os reophoros de uma pilha para assim estabelecer o contacto entre esta e o apparelho; enche-se o vaso de agua, á qual se juntam algumas gotas de acido sulphurico para a tornar melhor condutora da corrente, e cobrem-se as hastes de platina com pequenas campanulas graduadas, tambem cheias do mesmo liquido. Pondo a pilha em acção vê-se em breve soltarem-se pequenas bolhas e atravessarem o liquido das campanulas, que é obrigado a descer. Terminada a operação, nota-se que o gaz que se accumulou na campanula invertida sobre o polo negativo tem volume dobrado do que se encontra na invertida sobre o positivo. O primeiros dos gazes é o hydrogenio e o segundo o oxygenio, o que se comprova recorrendo ás suas propriedades caracteristicas. Conclue-se, pois, que o oxygenio é electro-negativo e o seu volume metade do do hydrogenio.

¹ Hadriani Ivnii, Hornani, medici *Batavia*. — F. Rapheleng, 1588, pag. 255 e seguintes.

A analyse pelo ferro faz-se pelo contacto d'este com a agua, e d'esta fórma obteve Lavoisier a decomposição. Em um forno de reverbero introduz-se um tubo de porcelana contendo um peso determinado de fios de ferro; a uma das extremidades do tubo adapta-se uma retorta de vidro com agua distillada; a outra communica por meio de um tubo recurvado e de menor diametro, com uma campanula graduada destinada a recolher o hydrogenio. A retorta é tambem collocada sobre um forno. Elevando-se a temperatura nos dois fornos, a agua vaporisa-se, e ao passar pelo tubo de porcelana cede o seu oxygenio ao ferro, que se transforma em oxydo de ferro, e o hydrogenio, achando-se livre, recolhe-se na campanula. Pinda a operação mede-se o hydrogenio da campanula, e avalia-se o oxygenio pelo excesso de peso do ferro contido no tubo. Por este meio se conseguiu determinar a proporção em peso dos elementos da agua.

Como a natureza nunca fornece a agua pura, é necessario distillal-a para a obtermos livre de substancias estranhas. A distillação faz-se em vasos apropriados conhecidos pelo nome de *alambiques*, os quaes constam de tres partes: *caldeira*, *capitel* e *serpentina*. A caldeira é o espaço onde se deita o liquido e que recebe a acção directa do fogo; o capitel é a capacidade superior da caldeira para onde se dirige o vapor formado n'esta, e que communica com a serpentina; esta é um tubo enrolado em espiral, metido n'um vaso cheio de agua fria, e aberto na parte externa d'este vaso para dar saída ao liquido resultante da condensação do vapor. A agua que cerca a serpentina deve ser constantemente renovada, porque aquece rapidamente á custa do calor que o vapor abandona quando se condensa; para esse fim uma corrente continua de agua fria é dirigida para a parte inferior do vaso, emquanto que a agua quente sae pela parte superior. Por este processo se converte a bordo em agua doce a agua salgada.

Por um outro modo se purifica a agua que é até o mais empregado no uso domestico — pela filtração. — Esta operação consiste em fazer passar a agua por corpos porosos, como o carvão, a areia, a esponja, etc.; os filtros de carvão têm as vantagens de absorverem as materias putrefactas e de a privarem do anhydrido carbonico, mas têm o inconveniente de absorverem os gazes da agua, e para que seja potavel é preciso arejal-a para os readquirir.

Os usos da agua são numerosissimos e quasi todos sabidos. É empregada em todos os tres estados de aggregação; no estado solido é usada como refrigerante, como meio de obter frio artificial, de conservar as carnes durante o verão, etc.; no liquido é empregada como bebida indispensavel, como principal dissolvente, como força motriz, etc.; no de vapor, finalmente, é a agua o primeiro agente dos immensos progressos da industria moderna.

É tal a sua importancia em medicina que só por si constitue ella um methodo geral de tratamento, a *hydrotherapia* ou *hydropathia*, que desde o tempo de Priésnitz, seu descobridor, tem achado numerosos sequazes.

Não são fóra de proposito duas palavras sobre os *poços artesianos*. Provém o seu nome da antiga pro-

vincia Artois, em França, onde são usados ha muito tempo. A agua das chuvas que não aproveita os declives naturais da terra para novamente ir para o mar infiltra-se pelas camadas permeaveis da superficie do globo até encontrar uma outra impermeavel para sobre ella correr. Se com uma sonda furarmos o terreno até encontrar a agua, esta sobe a uma altura tanto maior, quanto mais elevado a respeito do furo está o seu nivel no ponto mais alto da camada. Como exemplos dos mais notaveis citam-se: o do Grenelle, Paris, que tem 548 metros de profundidade, e que fornece por minuto 2:400 litros de agua na temperatura de 27 graus; e o de Passy, tambem em Paris, que tem 587 metros de profundidade, e fornece a agua a 28 graus, em maior quantidade que o primeiro.

LYDIO.

Uma amizade seria joven ainda decorrido um seculo; uma paixão é já velha decorridos tres mezes.

VICIEN.

UMA CARTA DE RENAN

I

O que se vae ler é um dos mais lucidos, dos mais serenos, e por isso mesmo dos mais justos e profundos escriptos que têm saído d'essa fulgurante penna gloriosa, que é hoje e será sempre uma das forças da intelligencia franceza.

Ernesto Renan é n'esta carta, de que damos alguns trechos, por não podermos dal-a toda, o mesmo espirito delicado e sincero, erudito e brilhante, utopista e philosopho, que a França e todo o mundo culto ha tanto admiram, e a verdade que ha n'este formosissimo trecho nem por vir aqui esmaltada com as efflorescencias da poesia deixa de ser no fundo o mesmo que é na fórma: — scintillante e attractante.

Mas os leitores que leiam:

A um meu amigo da Allemanha

Meu caro amigo. — Dizeis-me que um trecho do meu discurso de recepção echoou ahi como a voz de um inimigo. Torna a ler o que eu disse, vereis quanto ha de superficial n'esse modo de me julgarem. Eu defendi o nosso velho espirito francez de injustas accusações, que têm partido quasi tantas vezes de nós como de vós, sustentei contra innovadores, que estão bem longe de serem todos allemães, que a nossa tradição intellectual é grande e boa, que é preciso applical-a a uma ordem de conhecimentos, cuja esphera deve alargar-se sem cessar, mas não mudal-a: — apresentei duvidas sobre a possibilidade de uma dynastia representar no mundo um papel universal sem benevolencia, sem generosidade, sem esplendor. É possivel que eu fosse de encontro a certas opiniões dos militares e dos homens d'estado de Berlim: não pronunciei, contudo, uma só palavra contra a Allemanha, nem contra o espirito allemão. Mais que nunca, penso que se nós precisámos de vós, tambem vós, em algumas cousas,

tendes precisão de nós. A colaboração da França e da Alemanha, a primeira illusão da minha mocidade, torna-se a convicção da minha idade madura, e a minha esperança é que, se chegarmos a velhos, se sobrevivermos a esta geração de homens de ferro, desdenhosos de tudo que não é a força, aos quaes confiastes os vossos destinos, veremos o que outr'ora sonhámos, a reconciliação das duas metades do espirito humano. Sim, sem nós, sem seus deuses solitarios e te-reis os defeitos do homem solitario; o mundo não vos comprehenderá perfeitamente, senão por nosso intermedio. Apresso-me a acrescentar que sem vós a nossa obra seria incompleta, insufficiente. É isto o que sempre tenho dito. Não mudei em cousa alguma: os acontecimentos é que de tal sorte inverteram os papeis, que difficilmente nos reconheceremos nas nossas afeições e nas nossas recordações.

Ninguém mais do que eu amou e admirou a vossa grande Alemanha, a Alemanha de ha cincoenta e sessenta annos, personificada no genio de Goethe, apresentada aos olhos do mundo por esta maravilhosa reunião de poetas, de philosophos, de historiadores, de criticos, de pensadores, que verdadeiramente acrescentaram um novo dominio ás riquezas do espirito humano. Do tanto que somos, devemos-lhe muito, a esta forte Alemanha, intelligente e profunda em que Fichte nos ensinava o idealismo, Herder, a fé na humanidade, Schiller, a poesia do senso moral, Kant, o direito abstracto. Estas novas acquisições, longe de nos parecerem contradictorias da antiga disciplina franceza, eram por nós consideradas como a sua continuação. Respeitavamos os vossos grandes espiritos quando elles reconheciam o que deviam ao nosso seculo XVIII, admitindo com Goethe que a França, que Paris, eram órgãos essenciaes do espirito moderno e da consciencia européa. Trabalhavamos com todas as nossas forças para banir da sciencia e da philosophia as mesquinhas idéas de distincções nacionaes, que são o peor obstaculo aos progressos do espirito humano.

Desde 1848, epocha em que as questões começaram a apresentar-se com clareza, considerámos sempre que a unidade politica da Alemanha se realisaria, e que era uma revolução justa e necessaria. Concebiamos a Alemanha tornada nação como um elemento capital para a harmonia do mundo. Vêde a nossa simplicidade! Esta nação allemã, que desejaríamos ver entrar como uma individualidade nova no concerto dos povos, nós, imaginavamos-a segundo o modelo que lêramos, segundo os principios traçados por Fichte ou Kant. Tínhamos formado as mais bellas esperanças para o dia em que tomaria logar na grande confederação européa um povo philosopho, racional, amigo de todas as liberdades, inimigo das velhas superstições, tendo por symbolo a justiça e o ideal. Que de sonhos tivemos!

As cousas n'este mundo não se fazem nunca como os sabios as querem. Por isso, aquellos que n'este paiz reflexionam, não ficaram demasiado surprehendidos vendo proclamar em Versailles, sobre as ruinas da França vencida, esta unidade allemã que elles tinham considerado como uma obra sympathica á França. Grande foi a sua dor vendo a ap-

parição nacional que tinham invocado indissolvelmente ligada aos interesses do seu paiz; consolava-os, contudo, o pensamento de que Alemanha, tornada a nação toda poderosa da Europa, iria plantar alta e firme a bandeira de uma civilização que ella nos ensinára a conceber de uma maneira tão elevada.

De facto, a grandeza obriga. Uma nação tem em geral o direito de se encerrar no egoismo dos seus interesses particulares e de recusar a perigosa gloria dos papeis humanitarios. Mas a modestia nem a todos é permittida. Os vossos publicistas, interpretes de um instincto profundo, foram menos discretos que os vossos homens d'estado, proclamando bem alto que a era da Alemanha começára na historia. A felicidade arrastava-vos. Quando se tem o summo poder não é permittido não fazer nada. A victoria dá ao victorioso, quer elle queira quer não, a hegemonia do mundo.

A fortuna eleva alternadamente ao solio uma nação, uma dynastia. Ora emquanto a humanidade for como é, sempre que veja passar um carro de triumpho, saudal-o-ha com os olhos fixos no heroe do dia, e dir-lhe-ha: «Falla, és o nosso chefe, sê o nosso propheta». A solução das grandes questões pendentes n'um momento dado (e Deus sabe os imperiosos problemas do actual momento!) está entregue aquelle que os destinos designam. A este cumpre resolver-se. Alexandre, Augusto, Carlos V, Napoleão, não tinham o direito de se desligar dos interesses da humanidade: por nenhum motivo poderiam dizer — isso não é commigo! Cada epocha tem o seu presidente responsavel, encarregado de impressionar, de deslumbrar, de consolar a humanidade. Tão facil é o papel do vencido, obrigado a toda a abstenção, como difficil o cumprimento dos deveres que a victoria impõe. E não serve de nada dizer que se tem o direito de abdicar uma missão que se não queria. Quando se recua em frente de um dever, este, agarra-vos pelo pescoço, e mata-vos: a grandeza é uma sorte implacavel a que se não foge. O que falta á sua vocação providencial é punido pelo que não produziu, pelas exigencias que não satisfiz, pelas esperanças que não realisou, e principalmente pelo desalento que resulta de uma força não empregada, de uma tensão sem resultado.

(Continúa.)

ERNESTO RENAN.

NUMERO DO INTERMEZZO

Eu não te quero mal. Rasgue-me embora
A dor o coração,
Ó bem perdido, que a minha alma chora,
Não te quero mal, não!

Nas vestes do noivado triumphantes
Fulges radiosa e calma;
Mas nem um só reluz de teus brilhantes
Nas trevas de tua alma.

Eu sei; que um dia em sonho, de ciumento
Teu coração abri,
Sondei, palpei — que noite de tormento
Que viboras lá vi!

Eu sei, sei muito bem. Tu ris-te
Noiva, radiosa, amada;
Mas eu bem vi quanto a final és triste,
Eu vi se és desgraçada.

JOSÉ NEWTON.



JOAQUIM HENRIQUES FRADESSO DA SILVEIRA

Entre os verdadeiros benemeritos da sciencia e do trabalho nacional occupa Joaquim Henriques Fradesso da Silveira lugar preeminente.

Perdura viva na saudade dos que foram seus constantes admiradores e lealissimos amigos, no numero dos quaes tivemos a honra de contar-nos, a recordação indelevel do extraordinario merito e serviços relevantes prestados á terra que lhe fôra berço por este prestantissimo cidadão.

Conservam d'elles, por igual, as folhas do tempo honrosissimo registo, e nas estações officiaes como nos archivos de diversas associações e collectividades se encontram innumer e irrefragaveis documentos da sua acção energica e intelligente.

Nunca, porém, se nos afigurará demais rememoral-os a presentes e vindouros, a quem devem servir de luminoso exemplo e nobre estimulo, e por isso, acompanhando o retrato do inolvidavel patriota, com que hoje se illustram as paginas da *Imprensa*, pomos aqui estas breves e singelas notas biographicas, em que, acaso, se deparará alguma especie ou nova ou menos conhecida do que merece sel-o.

Nascêra Fradesso da Silveira em Lisboa aos 14 de abril de 1825. Dotado de lucido talento e grande amor ao estudo, cedo pôde habilitar-se com os preparatorios necessarios para

se matricular, como se matriculou em 1839, na escola polytechnica, onde seguiu o curso de marinha, tendo assentado praça de aspirante em 1842.

Como se houve na primeira phase da sua carreira scientifica, prova-o brilhantemente o facto de merecer os primeiros premios em quasi todas as cadeiras, e de ser admittido, em concurso publico, a fazer parte do corpo docente d'aquelle respeitavel estabelecimento de instrução superior como lente substituto de physica e chimica, quando contava pouco mais de dezenove annos de idade!

Não se coadunando, nem sendo, até certo ponto, compativel a vida do mar, para que aliás lhe não sobrava vocação, com a do professorado, que então parecia aprazer-lhe, Fradesso da Silveira, logo que lhe coube a promoção a guarda marinha, em 1844, requereu, e foi-lhe concedido, passar ao exercito, onde, fôra, todavia, dos quadros da effectividade, em harmonia com o que a lei prescreve, chegou ao posto de major, que só veiu a pertencer-lhe em 1873.

Sendo ainda estudante publicou, em 1841, o seu primeiro ensaio litterario, um pequeno romance (*Um infeliz africano, ou os dois suicidios*), que, embora não possa apontar-se como obra de valia, revelou já, contudo, no joven auctor felizes disposições.

Pouco depois de provido na substituição das cadeiras de physica e chimica, começou de exercer as respectivas func-

ções, durante a ausencia de Julio Maximo de Oliveira Pimentel, depois visconde de Villa Maior, lente de chimica.

Justificou Fradesso da Silveira plenamente o lisonjeiro conceito, que os seus contemporaneos e antigos mestres haviam formado da solidez dos seus conhecimentos e da sua aptidão para o magisterio.

De feito, em todo o tempo que teve de reger já uma, já outra das cadeiras designadas (1844 a 1853) Fradesso da Silveira mostrou-se sempre rigoroso no cumprimento dos seus deveres sem deixar de ser cortez e affavel com collegas e alumnos.

São d'esse tempo o seu *Manual de um curso de chimica elemental* (1846) e as suas *Lições de optica* (1848). Qualquer d'estes trabalhos, na epocha e condições em que foram elaborados, certo não envergonharam o moço lente, nem a escola em que se formára.

O exercicio regular das suas funções officiaes não o inibia, entretanto, de cultivar com distincção as letras, redigindo assiduamente a *Revista popular*, semanario mui bem conceituado de que adquirira a propriedade, e collaborando mais ou menos activamente em varias outras folhas.

Ao mesmo passo fundava, associado ao illustre astronomico Filipe Folque, e a quem subscreve estas linhas, seu humilissimo collega e collaborador tambem na *Revista, o Almanach popular*, que representou um enorme progresso sobre as antigas folhinhas, e forma quatro voluminhos, que ainda hoje podem ser consultados com proveito e sem enfado, e correspondem aos annos de 1849 a 1852.

Por motivos de melindre, que deveram ser de grande monta, mas nunca ficaram bem destrinchados, pediu Fradesso da Silveira, em 1853, a demissão de lente da escola polytechnica, passando a servir em commissão no ministerio das obras publicas, commercio e industria, primeiro como secretario da commissão central de pesos e medidas, depois como chefe da repartição competente, e a final como inspector geral d'este importantissimo serviço.

E opinião unanime, ainda a d'aquelles a quem a superioridade de Fradesso da Silveira incomodava, que a implantação rapida e methodica do systema metrico-decimal no nosso paiz, se lhe deveu principalmente, coadjuvado como o fora discreta e zelosamente por uma pleiade de officiaes do nosso exercito, que soubera escolher e com muito acerto dirigir.

Em virtude de autorisação concedida ao governo por carta de lei de 19 de setembro de 1861, foi Fradesso da Silveira, reintegrado no logar de lente substituido de physica da escola polytechnica, sendo-lhe levado em conta para os effectos convenientes todo o tempo que exercera aquelle logar.

Pouco depois era promovido, pela jubilação concedida no abalariado professor Guilherme José Antonio Dias Pegado, a lente proprietario da cadeira de physica; n'esta qualidade e na de director do observatorio meteorologico do infante D. Luiz, que lhe andava annexa, prestou a sciencia e ao paiz serviços da maior importancia.

Dotado de poderosas faculdades iniciadoras, e já como pre-nuncio do que cogitava emprender em prol da industria e do desenvolvimento e progresso do paiz e das suas vastissimas provincias de alem-mar, Fradesso da Silveira pensou em crear um grande centro de exploração commercial, e interessado em uma antiga companhia de navegação para o Algarve, concorreu, effizac e directamente, para a fundação da Companhia uniao mercantil de navegação a vapor para o Algarve, Açores e portos da Africa occidental.

Não foi feliz na sua arrojada, talvez temeraria tentativa. Desconfiado e meticuloso e mesquinho, o commercio não comprehendeu, ou antes não quiz comprehender o valor e alcance dos intuitos, de certo generosos e elevados, de Fradesso da Silveira, e dos poucos que se lhe haviam associado; o capital retrahiu-se quasi em absoluto, a nosso ver, menos justicadamente; d'ahi, e da intervenção offerida, e que a fatalidade das circumstancias forçou a aceitar, para a constituição do material da referida companhia, de um tal Lindsay, armador ou especulador, que se tornou tristemente famoso pela sua reconhecida e provada má fé, resultou uma serie ininterrupta de desacertos, transformos e imprudencias, que deram em resultado miserissima liquidação.

O mallórgo do levantado pensamento, que concebêra, perdido o objectivo de generosas aspirações, causou em Fradesso da Silveira, como era natural, vixissima impressão e profundo desgosto, que, alem de o affectar no seu brío, pois que a consciencia o não absolvía de uma parte da grave responsabi-

lidade no desastre da *União mercantil*, influíu desfavoravelmente no seu organismo sadio e robusto.

Fradesso da Silveira não contára com a sua inexperiencia de similhantes negocios; e a lucidez de espirito, de que em outras occasiões deu tão claros testemunhos, fallou-lhe, ainda mal, na apreciação das qualidades de alguns dos co-associados, como nas condições das nossas praças e do meio em que se encontrava.

Ninguém, entretanto, poz jamais em duvida a probabilidade e inteireza de Fradesso da Silveira.

A commissão nomeada pelo governo para proceder a um inquerito á administração e gerencia da companhia uniao mercantil, commissão composta de Antonio José Torres Pereira, José de Torres e José Maria de Andrade, e que, por signal, se mostrou bem severa, sob color de imparcialidade, no trabalho que apresentou, ao cabo de alguns mezes de exame detido e minucioso até ao exaço, de todos os actos, transacções e papeis da alludida companhia, assim o declara terminantemente.

«Se encontrou (diz o relator do inquerito na conclusão do longo parecer) muitas faltas que denunciavam inexperiencia e pressupostos errados, fiscalisação menos zelosa da parte da administração e gerencia da companhia; se encontrou na escripturação cousas que podem importar responsabilidade para alguns, conforme forem julgadas em ultima instancia pelo governo, ante o qual pendem queixas a tal respeito; nada descobriu que denuncie malversações da parte dos directores ou do gerente que são ou que tem sido; nada descobriu que possa macular o seu caracter ou diminuir a consideração que publicamente tem.

«Os auxilios de que a commissão pôde necessitar para o seu trabalho todos recebeu com promptidão e boa vontade da parte da direcção e gerencia da companhia. Se não achou muito que louvar nas praticas da administração e nos resultados a que ellas conduziram; nada lhe será mais grato que ver attenuados ou rectificados com provas, que ella não conheceu ou não pôde apreciar, os pontos em cuja analyse se include censura!».

Creado por decreto de 3 de novembro de 1860 o conselho geral das allandegas fora Fradesso da Silveira nomeado vogal effectivo.

Proteccionista por convicção, havia mezes escreevêr no *Jornal do commercio* alguns notaveis artigos a favor da industria nacional e contra os sectarios do livre cambismo. Aproveitando agora as facilidades que lhe proporcionava a posição official n'aquelle conselho e na inspecção dos pesos e medidas, já sob os auspícios d'aquella, e em harmonia da sua lei organica, já por iniciativa propria, empreendeu e deixou muito adiantada uma especie de inquirição geral methodica, sob um plano uniforme, do estado, condições e necessidades mais instantes de diversos ramos da industria nacional.

Como resultado d'este projecto, que não podia ser certamente mais opportuno, quando se tratava, no louvavel proposito de alargar a area de expansão do nosso trafego mercantil, de entabolar negociações diplomaticas para a celebração de tratados de commercio com diversas nações estrangeiras, saíram a lume, entre outros, os seguintes curiosissimos trabalhos:

A fabrica de linhos de Torres Novas;
Memoria sobre a industria do linho e algodão no districto administrativo de Beja;
As fabricas da Covilhã;
As fabricas em Portugal. Indagações relativas aos tecidos de lá;

Indagações relativas aos tecidos de seda.
Convencido de que no renascimento da industria estava a solução do problema da nossa verdadeira regeneração economica, Fradesso da Silveira fundára a associação promotora da industria fabril como nucleo e centro de uma grande e patriótica propaganda.

Foi na qualidade de presidente do conselho administrativo d'essa associação, que planeou e conseguiu levar a cabo, mediante esforços incriveis, e vencendo toda a especie de attritos e contrariedades, uma exposição de tecidos de algodão; tecidos de linho; tecidos de seda; tecidos mixtos; passamaneria; rendas; bordados e papel. Essa exposição, segundo o

¹ Relatório da commissão de inquerito nomeado em portaria de 14 de janeiro de 1863 á administração e gerencia da companhia uniao mercantil. Lisboa, Imprensa Nacional 1864.

nisar um serviço meteorológico internacional, Fradesso da Silveira dizia :

«Não tenho esperança de assistir á execução d'este plano, ou de outro analogo, que realice a organização dos serviços; mas acredito, que essa organização se ha de effectuar com a cooperação de todos os interessados, estabelecendo-se a possível concordancia entre os trabalhos de meteorologia geral e local, e a mais íntima ligação entre os institutos e postos, que devem fazer as observações, e centralisar, coordenar e discutir os resultados numericos praticamente obtidos.»

Poderíamos multiplicar as citações; não o julgámos necessario.

Quando regressou a Lisboa, tendo conseguido pelos seus titânicos esforços, levantar e honrar no mais alto ponto o nome portuguez, Fradesso da Silveira estava irremissivelmente condemnado. Vimol-o, e quasi o desconhecemos!

Nem os ares patrios, nem o descanso relativo, que lhe proporcionava a terminação da parte mais laboriosa e difficil das commissões que lhe haviam sido encarregadas, e desempenhou por fórma tão exemplar e brilhante, nem os recursos da medicina empregados com extrema attenção, puderam sustar os progressos da doença, que o torturava, e cujo desenlace fatal foi, em breve trecho, considerado inevitavel e proximo.

Escrevendo-nos a proposito da impressão de um pequeno trabalho, dizia-nos já em meado de 1874 o nosso excellent amigo :

«Continuo a soffrer. Não sei quando isto terá fim, e eu de seip-lhe o termo... de qualquer modo!» E continuou a soffrer, e a trabalhar tambem, como se não estivesse gravemente doente, na organização dos seus relatorios, cujas provas reviu e emendou cuidadosamente!¹

Esses primorosos relatorios, com a *Noticia da exposição universal de Vienna de Austria em 1873*, obra tambem de Fradesso da Silveira, impressa em Bruxellas, gratuitamente, por obsequio especial do sr. C. Guyot ao commissario regio portuguez, formam no seu conjunto a monographia mais completa e mais perfeita d'aquella esplendida festa do trabalho, abrangendo, além d'isso, preciosos documentos, informações e alvitre dignos de serem sempre lidos e meditados.

Fradesso da Silveira, ainda chegou a dirigir a publicação de alguns opusculos concernentes a varios grupos de productos, que podiam mais interessar-nos, e a dar começo de execução ao plano, que delineára de uma exposição permanente e museu industrial em Lisboa, para o que obtivera, sem dispendio algum do thesouro, valiosas colleções de diversos commissariados e de alguns expositores que mais notavelmente se haviam apresentado.

Entretanto recrudescia o soffrimento, exauriam-se-lhe as forças, e Fradesso da Silveira, apoz longa agonia, exhalava o derradeiro alento pelas dez horas da manhã de 26 de abril de 1875.

A noticia da morte de Fradesso da Silveira propalou-se rapidamente, causando geral e profundo sentimento.

Toda a imprensa periodica, celebrando unanime e sem distincção de cores politicas as raras qualidades e exceptionaes serviços prestados ao paiz e á causa do seu resurgimento economico e industrial por Fradesso da Silveira, considerou o seu passamento como uma perda enorme para a nação. E foi, de feito, porque se Portugal pôde orgulhar-se de ser a patria de sabios illustres, talentos brilhantes, capitães valorosos e nautas heroicos, não abunda, não abundou nunca em homens da rasgada iniciativa e da esclarecida actividade de Fradesso da Silveira.

Pôde dizer-se uma estrondosa e espontanea apothose o seu funeral. Milhares de pessoas constituíam o imponente e significativo presépio, em que se fizeram largamente representar, não só todas as corporações officinaes e associações a que o finado pertencia e muitas outras, que quizeram prestar-lhe esta ultima e insuspeita homenagem, como a imprensa, que illustrára com os seus escriptos, e, por numerosissimas deputações, muitas fabricas de Lisboa, Porto, Covilhã, etc.

Fradesso da Silveira tinha o titulo do conselho de Sua Magestade; as grão-cruzes da ordem de Christo e de Francisco José, da Austria-Hungria, as commendas da ordem de S. Thiago

e a da Rosa do Brazil; e o grau de cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz. Era tambem socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa e de muitas outras corporações scientificas e litterarias do paiz e do estrangeiro.

Todas estas distincções e honrarias tinham a sua justa significação em Fradesso da Silveira; mas, creia-se, sem as desdenhar, o que elle sobre tudo mais apreciava e ambicionava era a estima dos concidádios e a aura popular; e soube conquistal-as e merecel-as.

Quando, satisfeito e orgulhoso, percorrermos os pavilhões e galerias d'esses edificios erigidos na avenida da Liberdade, em que se ostentam tantos primores do genio e do trabalho portuguez, lembrando-nos de que o progresso que excita a nossa admiração, se deve em grande parte ao influxo de Fradesso da Silveira, votemos um tributo de saudoso respeito ao patricio illustre, que consagrou todas as forças da sua intelligencia de eleição e da sua dedicação sem limites, ao adiantamento e ao bom nome de Portugal; e que não podendo dar-lhe mais, lhe sacrificou a propria vida!

F. PEREIRA E SOUSA.

A violencia não tem senão um curso limitado enquanto que a verdade subsiste eternamente.

PASCAL.

O MONUMENTO A ALEXANDRE HERCULANO

Consiste este monumento n'uma capella grandiosa, ao centro da qual se eleva um mausoleu onde estão encerrados os ossos do grande historiador.

A capella occupa o recinto que, ao construir o convento dos Jeronymos, fôra destinado para casa do capitulo, mas da qual só havia as paredes.

Fica perpendicular com o templo, e fazendo seguimento com o lado esquerdo do cruceiro, mettendose de permeio a sacristia.

Começaram os trabalhos de reconstrucção em 1885, debaixo da direcção do sr. Manuel Ruyundo Valladas, ao tempo director da casa pia. É esta de certo uma das obras que mais abona a consummada competencia d'esse distinctissimo engenheiro.

A capella fecha n'uma abobada artozoad, em tudo similhante ás da igreja e dos claustros, e que, attendendo á largura da capella, que não será de menos de 16 metros, é uma obra importantissima, principalmente pela pouca ou nenhuma pratica que têm os nossos artistas de trabalhos de similhante magnitude.

Assenta esta abobada em seis misulas, tres de cada lado, e remata com tres fechos principaes, em que se acham esculpidos, no do centro as armas reaes, no do lado da capella mór a data de 1885, e no outro um monogramma formado com as iniciaes do illustre finado.

O comprimento da capella será de uns 25 metros, occupando o altar mór, que está separado do corpo por tres degraus um terço d'esta extensão.

A fórma da capella mór é sextavada, e, nos quatro angulos, mettidos em nichos com baldaquinos, figuram os evangelistas. Em cada uma das tres faces cavam-se capellinhas pouco fundas.

Na da frente, em que está um altar feito de marmore escuro de Extremoz, ostenta-se, em tamanho maior que o natural, uma imagem do Crucificado, uma obra prima do inspirado buril de Simões de Almeida.

É feita de marmore branco, e ha n'essa imagem

¹ Relatório do serviço do commissariado portuguez em Vienna de Austria na exposição universal de 1873. Lisboa, Imprensa Nacional, 1874, 8.º de 11 - 147, 210 pag., com estampas.

² Congresso meteorológico de Vienna de Austria em 1873. Relatório do... representante de Portugal no congresso. Ibidem, 1874, 8.º de 246 paginas.

tal relevo de musculatura, tal perfeição de fôrmas, uma tão doce suavidade de expressão, que, ainda ao mais despreocupado observador ella inspira um sentimento indefinido de vaga melancolia, ao que ajuda poderosamente o tom soturno e semi-gothico da capella.

D'essa imagem disse o sr. visconde de Benalcáfor «que é obra admiravel em que esse artista excepcional imbebeu na pedra a sensibilidade penetrante de que Beethoven repassou as suas melodias orvalhadas de lagrimas».

E ali, n'essa ultima morada d'aquelle grande poeta, essa imagem sympathica e melancolica traz-nos á memoria o presbytero Eurico. Devia ser assim, doce e repassado de um terno mysticismo, o Deus a quem se endereçavam os extasis de *Eurico*, essa creação genial do auctor da *Harpa do Crente*.

Nas duas capellinhas lateraes ha apenas duas lapides nas paredes, em que foram gravadas umas estrophes, cheias de sentimento, do grande historiador.

Na da esquerda estão os seguintes:

A ti, a quem o infante Hossana pio
Ergueu, ó Redemptor,
Ó Christo, ó rei, a ti gloria perenne
A ti, honra e louvor!

Inclita prole de David, ó Christo,
Tu és rei dos judeus;
Bemdito rei, que do Senhor em nome
A' terra vens dos céus.

Em eternas canções os córos d'anjos
Louvam-te nas alturas
Na terra o homem mortal, e no universo
Todas as creaturas!

e na da direita:

Outr'ora o povo hebreu veiu encontrar-te
Com triumphantes palmas,
Hoje a teus pés, a prece, o voto, os hymnos,
Vem depor nossas almas.

Eles o culto do louvor lhe davam,
A ti que fas morrer:
Hoje a ti, ó rei e vencedor da morte,
Nos cabe um canto erguer!

Tu que os seus cultos acceptaste, ó santo,
Ó clemente Senhor,
Rei que abençoas o que é justiça, accepta
Nosso submisso amor!

1847.

A. Herculano.

O chão da capella mór é de mosaico de marmores de côr; o restante de simples lages.

Dão ingresso para a capella duas portas, separadas por uma simples pilastra, que deitam para o claustro. Da parte de dentro são essas portas enfeitadas com uns rendilhados de pedra, formando um arco como se fôra uma só, tendo de cada lado uma imagem de pedra: uma representa S. Paulo, outra Santo Agostinho. Cada porta é encimada por uma cruz de Christo. As portas são de grade.

Para a parte da rua deitam duas grandissimas janellas, iguaes ás da igreja, mas que ainda assim pouca luz ministram, porque os vidros são de côres.

Ha, porém, a notar um bellissimo trabalho que ellas têm: são dois quadros feitos em vidros de côr recortados, representando um as armas reaes, outro um *nomio* na sua fôrma primitiva, tal como o inventou e construiu o nosso insigne Pedro Nunes. Em uma das hastes está o nome do grande mathematico.

Na parede do fundo estão praticadas duas portas pequenas, de architectura simples, e feitas de madeira, uma das quaes abre para uma extensa escada, que dá serventia para uma tribuna, aberta na mesma parede, a outra é apenas um adorno. Entre essas portas está uma lapide em que se lê o seguinte:

«Esta capella foi mandada completar pelas côrtes geraes da nação, para ficar sendo monumento a Alexandro Herculano, sobre proposta do deputado Marianno Cyrillo de Carvalho, em sessão de 22 de março de 1884, e com o auxilio eficaz do ministro das obras publicas Antonio Augusto de Aguiar.

«O mausoleu e a estatua do crucificado foram erigidas por subscrição feita entre os amigos e admiradores do finado.

«As obras da capella e do mausoleu foram gratuita e zelosamente planeadas e dirigidas pelo distinctissimo engenheiro Manuel Raymundo Vallas.—*A commissão executiva.*»

Por cima d'esta lapide está a tribuna de que fallámos, collocada como um nicho a uma consideravel altura; força é, porém, confessar que ella constitue a nota um pouco destoante de todo aquelle conjunto.

Dá-se, porém, a circumstancia de que ella já existia antes da reconstrução, e por isso o sr. Vallas contentou-se em lhe abrir communicação para o claustro superior, e conservou-a, embora lhe não faltasse vontade de a tapar.

Fallemos agora do mausoleu.

Occupa o centro da capella, onde se ergue magestoso e soberbo, como a dar realce a tudo que o cerca. Assenta sobre quatro pilastras de mais de 6 metros de altura, encimadas de corucheus. A cada topo forma um arco, e nos lados tem dois, cujos encontros são sustentados por pequenas pilastras. Acima dos arcos seguem um sem numero de rendilhados de pedra, terminando os dos lados por flores, e os dos extremos por cruces.

No meio, e assente sobre seis leões de marmore branco, ostenta-se um enorme athaude, tambem de marmore branco, de extrema simplicidade, ornado com uma pequena cimalha.

Em volta d'este lê-se o seguinte: na face direita — Nasceu em Lisboa aos 28 de março de 1810; — na esquerda — Falleceu em Valle de Lobos aos 13 de setembro de 1877.

Na face que olha para o altar está a seguinte quadra:

Dormir! só dorme o frio
Cadaver, que não sente.
A alma voa, e se abriga
Aos pés do Omnipotente.

A. Herculano.

e na face opposta, que serve de porta ao athaude, o seguinte epitaphio:

«Aqui jaz um homem que conquistou para a grande mestra do futuro, para a historia, algumas importantes verdades.»

Bem como tudo, mais, o mausoleu foi delineado pelo distincto engenheiro Valladas; o desenho dos detalhes foi confiado, porém, a um desenhador de muitissima habilidade, é certo, mas pouco competente, a nosso ver, para um trabalho de tal ordem.

Falto de gosto e de escola, e abandonado de mais a mais pelo sr. Valladas, que, por ter saído da casa pia quando se começava a fazer o mausoleu, deixou de poder vigiar a continuação d'essa obra com a assiduidade que ella merecia, o desenhador prejudicou bastante o conjunto com um excesso de rendilhados sem gosto nem harmonia, que destoam inteiramente do estylo manuelino em que tudo é feito, e muito mais do *ensemble* da capella, cuja belleza consiste exactamente na singeleza.

Foge da harmonia d'essa architectura grandiosa, que, através as grades das portas, se vê palpar deslumbrante na arcaria dos claustros. Parece uma cartongem. Em todo o caso não lhe tira isso a magestade. É grandioso como o é toda essa obra.

Pode ufanar-se o sr. Valladas de ter concorrido com uma importantissima parcella para a apothese do grande genio cujos restos ahí repousam.

Com a immortalidade de Alexandre Herculano se immortalizará a obra e o auctor.

GESAR DA SILVA

QUESTÕES SOCIAES

XVII

Vamos quasi no fim d'esta jornada, que mais de uma vez — tristes de nós — terá feito bocejar as almas desprevenidas e incautas que se tivessem embrenhado em tão aridos caminhos. No entanto, com sacrificios, caros amigos, é que se ganha o céu — e aqui baixinho, confessem que os ha peiores — ou não haverá?

Prosigamos porém.

Temos ainda diante de nós uma corrente socialista, o collectivismo, que, embora de corrida, suscita a nossa attenção. A palavra é nova, mas a idéa é velha, pertence ao socialismo radical, e resume-se em fazer entrar na posse do estado synthetisado n'alguma das suas fórmãs, o municipio, a parochia, o districto, o proprio governo central, os bens que até aqui a hereditariedade monopolisa, fazendo-os passar aos seus successores.

Em Inglaterra ao collectivismo applicado á terra chamam nacionalisação do solo.

Foi um belga, o barão de Colins, descendente ao que parece de Carlos o Temerario, quem mais definitivamente formulou as bases do collectivismo na sua primeira obra o *Pacto social*. Um dos artigos do seu projecto de reforma diz mesmo que a propriedade immobiliaria pertence a todos.

Notavelmente erudito, Colins dava uma importan-

cia sensível á base philosophica do seu systema, que aliás parece envolvido n'um nevoeiro metaphysico demasiadamente denso.

E assim, eil-o que falla na immortalidade do nosso ser espirital a que chama Sensibilidade com *S* grande, dando á palavra uma significação particular, cita depois uma *razão impessoal* e uma «immaterialidade da Sensibilidade», e tudo isto fundamentado ou desenvolvido em argumentos especiaes, de um metaphysico complicado, que não se liga lá muito bem com uma questão de ordem pratica, como parece dever essencialmente ser a da divisão e partilha da terra.

Entre outras cousas diz Colins, que ha apenas duas organizações de propriedade verdadeiramente distinctas: — a que hoje existe, e na qual o solo é alienado aos individuos ou a certas classes de individuos, sendo o trabalho escravo; — e a que deve ser o regimen do futuro, na qual o solo será colectivo e o trabalho livre.

Por trabalho livre entende o descendente de Carlos o Temerario, aquelle em que a materia prima ou o solo pertencem ao que a emprega; trabalho captivo será, portanto, o contrario d'isto.

No primeiro caso cada um pôde viver sem ter que ir submitter-se ao salario d'outrem; no segundo, o trabalhador é constringido a alienar ao possuidor do solo a força do seu braço, senão morrerá de fome.

Por isso o trabalho livre augmenta a riqueza na proporção do esforço empregado, e no trabalho captivo é a riqueza que cresce na proporção do capital por elle accumulado.

D'estas duas fórmãs de partilhar a terra, tão diametralmente oppostas entre si, resulta, segundo Colins, que quando o solo é possuido individualmente, a riqueza de uns é a indigencia de outros crescem segundo duas linhas paralellas, e proporcionalmente ao desenvolvimento da intelligencia na sociedade; quando ao contrario elle está na posse da collectividade, a riqueza geral augmenta na proporção da actividade de cada um, e na medida dos progressos da civilisação.

Colins falla ainda em periodos de ignorancia social e de incompressibilidade de exame, e em outras cousas por igual transcendentis; e, depois de dizer que o regimen theocratico é a ordem pelo despotismo, e o regimen democratico a liberdade produzindo a anarchia, proclama o regimen racional ou *logocratico*, que trará ao mesmo tempo a ordem e a liberdade.

Quanto á organização futura e definitiva (*sic*) da sociedade, o barão acha que sendo todos os homens iguaes, devem ser socialmente collocados em iguaes condições de trabalho. Para isso a materia carece de ser subordinada á intelligencia, e o trabalho possuir o capital e o solo, em vista do que o salario chegará ao maximo possivel.

Alem d'isto, no dominio intellectual a sociedade dará a todos uma igual somma de conhecimentos scientificos, da mesma fórmula que no dominio material haverá a apropriação social do planeta e de uma grande parte das riquezas adquiridas pelas gerações preteritas e transformadas em capital.

Pela instrucção theorica e pratica que todos os

menores receberão da sociedade, representada pelo estado, saberão elles como é preciso actuar sobre a materia para tirar d'ella o melhor partido, pela sciencia moral verão como devem proceder com os seus semelhantes. Depois, ao saírem dos estabelecimentos publicos de ensino, os jovens cidadãos farão um certo tirocinio ou aprendizagem da vida, isto ao serviço do estado, pagando assim a tutela social que os protegeu na menoridade, depois do que, cada um entrará para a sociedade como um membro activo, recebendo um dote saído do excedente das receitas do mesmo estado. É claro que Colins exclue aqui a possi bilidade de haver *deficits*, como modernamente dizem haver em certos paizes que nós conhecemos...

O perigo é se aquelles não acabam, que ficam prejudicados os jovens...

Vamos, porém, ver o que estes farão logo que se achem munidos dos respectivos dotes. Tres caminhos se abrem á sua actividade de trabalhadores.

Ou poderão ficar isolados, ou irão associar-se com outros, ou, não estando dispostos a correr perigos e riscos, collocar-se-hão ao soldo d'aquelle que dirija a empreza.

Eis esboçadas as principaes linhas do systema de Colins; mas elle imaginara ainda varias medidas, concernentes, umas a assegurar o predomínio do trabalho sobre o capital, procurando outras elevar ao seu maximo a actividade do individuo.

O primeiro *desideratum* calculava o barão obter-o pela cessação da perpetuidade do juro, pela proscricção das associações capitalistas, pela concorrência ao commercio individual feita pela propria sociedade.

O segundo, fazia-o depender da fixação de um limite á hereditariedade, concedida apenas á linha recta, do reconhecimento do direito de testar, e da entrada no patrimonio commun das successões *ab intestato*.

Do conjunto d'estes alvitres fazia, pois, o publicista belga derivar o estabelecimento definitivo da liberdade, da igualdade e da fraternidade, ao mesmo tempo que tornariam impossivel a exploração do trabalho pelo capital individual.

Colins fez escola, e hoje os partidarios do socialismo racional advogam as idéas do mestre e publicam-lhe as obras que elle deixou ineditas; não nos parece, contudo, que o numero dos proselytos tenha avolumado muito, o que attribuímos, entre outras cousas, a não satisfazerem ellas de uma forma clara nem aos instinctos de uns, nem aos desejos de outros.

Muito emmaranhadas e abstrusas umas, muito incompletas e ingenuas outras, deixam por igual indifferentes os simples expectantes e os partidarios entusiastas da remodelação social, que examinando-as acham muita sciencia em algumas, pouco *jabobinismo* em muitas, e demasiada delonga na maioria.

Quanto a nós, confessâmos que em Colins o que nos encanta é a sua ingenua e doce confiança na humanidade do futuro, e as suas generosas aspirações para melhorar n'este mundo a condição de uma classe que não era a sua.

O mais ficará para depois.

AFONSO VARGAS.

MISCELLANEA HISTORICO-LITTERARIA

Como a estas nossas praticas lhe chamei Miscellanea, ou selada de diversas cousas misturadas, cabirão as que tratarmos, onde cabirem.

MIGUEL LEITÃO DE ANDRADE—
Miscellanea, diál. v.

INTRODUÇÃO

A historia, quando escripta sem documentos, não é historia; é apenas uma collecção de... historias.

Entre nós o trabalho do historiador tem de começar na reunião dos materiaes, só podendo, portanto, scientificamente escrever historia quem tenha uma erudição pouco vulgar e uma energia inquebrantavel. Como estes dotes escasseiem, cumpre áquelles que por um pendor irresistivel da intelligencia, ou por dever de officio, lidem com documentos historicos de qualquer especie, tornal-os conhecidos e, por assim dizer, immortaes, pela imprensa, pela gravura, pela photographia,—assegurar-lhes, com a maxima vulgarisação, a maxima perdurabilidade.

Trabalho é este de tão vasto alcance, de tão variadas exigencias, que só a iniciativa do governo, ou de collectividades que disponham de valiosos recursos, o pôde integralmente realizar. No entanto, e porque em o nosso paiz tenha, em regra, outros pontos de applicação o esforço governativo, e seja difficil a vida das associações, ha mister que a iniciativa individual substitua aquella, tanto quanto possível.

O auctor d'estas linhas, nos seus trabalhos officiaes de paleographo, primeiro na Torre do Tombo, depois em a bibliotheca nacional de Lisboa, convenceu-se, por um lado, de que em os nossos archivos e bibliothecas existem, fragmentados e dispersos, os materiaes para a completa reconstituição da historia do paiz,—não só da historia politica e militar, mas da historia como a definiu a Alemanha moderna,—e por outro lado, de que, sem esses materiaes, toda a reconstrucção historica é, quando muito, uma phantasia brilhante, mas inconsistente, ou uma peça litteraria trabalhada com esmero.

Levam-n'o estas convicções á publicação integral, truncada, ou em extractos, de documentos sob qualquer ponto de vista interessantes, que no percorrer de velhos codices porventura encontre.

Tal é, pois, a origem d'esta secção d'A IMPRENSA.

JOSÉ PESSANHA

I

Um soneto de Manoel Severim de Faria

Comquanto seja a prosa que eleva Manoel Severim de Faria á altura dos nossos primeiros escriptores, ha tambem d'elle algumas poesias em latim, portuguez e hespanhol, que valem a pena de serem publicadas, e que se conservam, pela maior parte, editas.

D'um volume que se guardava na preciosa livraria dos condes do Vimieiro, e pertence hoje á bibliotheca nacional de Lisboa, transcrevemos um soneto,

autographo, que ao mimoso bucolista da *Côrte na Aldeia* dedicou o erudito investigador das *Noticias de Portugal*.

A FRANCISCO RODRIGUES LOBO

SONETO

Este, que de capellas dignamente
Estão as nove Musas coroando
Das flores que o Parnaso está creando
C'o licor de Hypocrene, transparente,

— E Lerenó, que a fama, justamente,
Nas mais remotas partes publicando,
Faz que o engenho seu se ande louvando
De lingua em lingua, e de uma em outra gente.

Apollo, Marte, Venus, á porfia,
Quizeram dar ao Imperio lusitano
Um que em tudo abatesse ao grande Homero :

— Com Marte se creou na Scythia fria;
Com Apollo, no Pindo soberano ;
Com Venus, no Idalio e no Cythero.

Itinerario biographico de D. Francisco Manoel

Em uma das interessantes notas com que o sr. Antonio Francisco Barata illustrou o seu romance historico *Um duello nas sombras ou D. Francisco Manoel de Mello*, encontra o leitor um «itinerario biographico» do auctor das *Epanaphoras*, que encerra valiosos dados para a reconstituição da sua vida.

Podemos, felizmente, completal-o, mercê de um ms. da bibliotheca nacional de Lisboa (Y-2-57), que pertenceu ao afamado escriptor, e contém alguns trabalhos seus em prosa e grande copia de poesias autographas, quasi todas da *Harpa de Melpomene*.

Ha n'esse precioso volume trinta e nove sonetos datados. Torna-se, portanto, facil a organisação do seguinte quadro, que, tendo de per si valor, até certo ponto completa, como dissemos, o de pag. 267 e 268 do apreciavel trabalho do sr. Barata.

Primeiro verso de cada soneto	Logar	Anno
Baste, Señor! q̄ al golpe repetido	Corunha	1639
Oy, al setimo lustro perfeçiona	Madrid	1640
Oy, de obstinados Emulos alcança	Lisboa	1638
Ves, Amarilís, esse monte q̄ arde	Torre de Belem (estando preso)	1638
No es tirania, Cayo, esa q̄ emprende	Madrid	1637
Sy a no mas de mostrarte poderosa	Madrid	1640
No te offrece aquel triunfo oy solamente	Madrid	1637
Porque desmientes, Iano, das verdades	Madrid	1637
Quando se mira a su cristal, Fenisa	Madrid	1639
Que es lo que inoras de la muerte mia?	Lisboa	1642
Este es el dia aquel que en my cuydado	Luz	1643
Cayo, si tanto afan al moderado	Lisboa	1642
Pedro es aquel q̄ llora; ô como llora!	Lisboa	1642
Fabio, sy tu as topado un nuevo Mundo	Lisboa	1642
Antes q̄ esta Coluna, q̄ sustenta	Madrid	1641
Dejo (qual la escamosa vestidura	Madrid	1641
Ny si qiera le devo, a esta my suerte,	Pedrouços	1642
Cloris; pues q̄ la causa sufficiente	Lisboa	1642
Teme la pluma, y con raçon reselo	Pedrouços	1642
Que secreta violencia a vuestro culto	Lisboa	1642
Fenis: Ny el Sol alumbrá en tu Presença	Lisboa	1642
Fenis: como hare lo q̄ el Pensamiento	Lisboa	1642
O' no te rindas, Fenis, a la Suerte	Lisboa	1642
Fenis: sy el coraçõ de los Humanos	Lisboa	1642
Quien, sin merito, mas q̄ aver nascido	Lisboa	1643
Fabio: no es dura lei, yo te lo digo	Elvas	1643
Fenis: si el cielo con benigno escesso	Elvas	1643
A tus siempre pacíficos umbrales	Lisboa	1643
Contra q̄ oposicion tu Industria ostentas	Lisboa	1643
Que diferente! celebrado Dia	Lisboa	1643
Fenis: el hado q̄ influvo ofendido	(Escriviose caminando)	1643
Cintia: q̄ importa? q̄ la no afentada	Elvas	1643
Fabio: sy acaso el Pensamiento veo	Evora	1643
Fenis: sy la juzgaste atrevimiento	Arroyos	1644
No calló mi dolor, porq̄ acabase	Arroyos	1644
No es, Fenis, ambiçion, no es destenplança	Lisboa	1644
O sy pudiera, como puedo el clima	Lisboa	1644
Livia: por mas q̄ sin raçon intente	Bocequillas	1641
No hay dudar, Mario, q̄ en la noche oscura	Madrid	1640
	Burgos	1640

Na biographia de um homem como D. Francisco Manoel de Mello, que pelas suas elevadas qualidades de escriptor, e pela intima ligação da vida agitada, que viveu, com os factos mais dominantes da historia politica do seu tempo, é uma figura alta-

mente distincta, — a menor particularidade se torna interessante e memoravel.

(Continúa)